

José Carlos Corrêa

Escreve aos sábados neste espaço

E-mail: jccorrea@redgazeta.com.br

/// Não faltam motivos de preocupação. A principal razão do PIB negativo de 2013 – a retração do comércio exterior – ainda não está superada

O PIB negativo

O PIB do Espírito Santo, há décadas, aumenta mais que a média nacional. Foi desta forma que o Estado conseguiu, a partir dos anos 1970, superar parte da defasagem que o separava – e ainda o separa – do Sul desenvolvido. Na última década o PIB capixaba passou de 1,8% para 2,2% a sua participação no PIB brasileiro. Está aí justificado o desconforto causado pela notícia de que, em 2013, o PIB capixaba se reduziu em 1,1%, ficando abaixo da média brasileira (+2,3%).

Dizem os especialistas que melhor do que analisar as tendências é entender as inflexões. Por isso, é importante identificar se a redução do PIB capixaba foi um ponto fora da curva – como tinha sido, por exemplo, o de 2009 (-4%), no auge da crise financeira mundial – ou se ela representa uma mudança de cenário capaz de interromper o ciclo virtuoso vivido pelo Estado desde a guinada rumo à industrialização dada nos governos Dias Lopes (1967-1971) e Arthur Carlos Gerhardt (1971-1975).

O Instituto Jones dos Santos Neves jura que a tendência é de retomada do crescimento em 2014. Acena com o aumento dos investimentos – R\$ 5,8 bilhões em 2011, R\$ 8 bilhões em 2012 e R\$ 13 bilhões em 2013 – e o crescimento da base

econômica. Lembra que grandes investimentos, como as novas usinas de pelletização da Samarco e da Vale, o estaleiro Jurong Aracruz e a reativação do terceiro alto-forno da ArcelorMittal Tubarão, entram em operação neste ano.

Mas não faltam motivos de preocupação. A principal razão do PIB negativo de 2013 – a retração do comércio exterior – ainda não está inteiramente superada. O preço do minério de ferro no mercado internacional caiu de US\$ 160 para US\$ 104,70 a tonelada nos últimos 12 meses. As compras feitas pela China – segunda colocada no ranking das nossas exportações – continuam abaixo das expectativas. Resta a esperança de que os EUA e a Europa continuem na rota da recuperação econômica.

No setor público, o Estado vive um quadro de aumento do endividamento, queda na poupança, alto comprometimento da receita com as despesas de pessoal e custeio, investimentos estagnados e com alto predomínio de financiamentos, e royalties canalizados para bancar os gastos com a máquina pública. Sem falar que as prefeituras estão, em sua grande maioria (87%), com queda de arrecadação e gastos com pessoal próximo ou acima do limite permitido pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

Pesados os prós e os contras, os especialistas acreditam que o PIB negativo não deve se repetir em 2014. Mas ninguém aposta que ele retome, em curto prazo, a trajetória de crescer mais que o PIB brasileiro.